

# Senado teme as medidas provisórias

JORNAL DO BRASIL

Grupo pretende controlar ação do presidente 1990

**B**RASILIA — Desde o segundo turno da eleição presidencial, os senadores Roberto Campos (PDS-MT), Jarbas Passarinho (PDS-PA), Marcondes Gadelha (PFL-PB) e Hugo Napoleão (PFL-PI) estão conversando com parlamentares de diferentes partidos com o objetivo de formarem um Grupo de Controle Constitucional, destinado a exercer a vigilância do Poder Executivo. A idéia central é a de evitar que o novo presidente da República mantenha a faculdade de governar através da edição indiscriminada de medidas provisórias.

Esses parlamentares estão trabalhando para acelerar a votação da legislação complementar e ordinária da Constituição, a fim de impedir que o vácuo legislativo promova a formação no Brasil de um regime autoritário. Houve uma reunião preliminar do grupo, dia 15 de dezembro, e dela participou o presidente nacional do PFL, Hugo Napoleão, que depois viajou para a Europa.

“O terreno não está muito firme. Não sabemos a que o novo presidente se propõe. Não sabemos nem se ele vai ter diálogo com o Congresso. Ele pode muito bem ter uma linha autoritária”, preocupa-se o senador Marcondes Gadelha, embora ressaltando que aguarda otimista a prática do bom senso.

Tendo já redigido parte do esboço do documento que consolidará esse grupo, o senador Jarbas Passarinho disse que o principal objetivo dessa assembléia suprapartidária é

evitar que o executivo lance mão do arbítrio e que o Congresso chegue ao fim do ano com mais de 100 medidas provisórias para examinar, como aconteceu em dezembro de 1989.

**Receios** — Segundo o líder do PMDB no Senado, Ronan Tito, a formação desse grupo dá apenas uma amostra dos temores do legislativo ante o governo Collor e com a completa ausência de sinais sobre o que acontecerá ao país nos próximos meses. “Esse homem começou muito mal indo para o Oceano Índico. Ele está tripudiando sobre um país que já aguarda uma recessão para o seu governo. Como o Senado pode estar tranquilo se ninguém sabe o que se passa pela cabeça desse rapaz?”, indaga o líder, inconformado também com os gastos produzidos por esse tour presidencial. Ante o argumento de que são os amigos de Fernando Collor que estão custeando sua viagem, Ronan Tito ironiza: “quem sabe esses amigos estariam dispostos também a pagar a nossa dívida externa”.

Embora sustente que a maioria do Senado está preocupada com o governo Collor, o líder do PMDB diz que pessoalmente não está assustado. “O Congresso está aí para segurar qualquer estupidez, qualquer besteira desse rapaz. Antigamente, toda vez que havia um impasse, batiam na porta do quartel. Agora, bate-se na porta do Congresso”, previne ele. Em sua lista da composição do Senado, Ronan Tito aponta 40 senadores do PMDB, PSDB, PDT, PSB, PDS e PFL que estão dispostos a fazer oposição ao governo Collor. Nessa lista, ele inclui Jarbas Passarinho, Luís Viana Filho (PMDB-BA) e Ruy Bacelar (PMSDB-BA), todos eleitores de

Collor, mas argumenta que são homens bastante preocupados com o país para apoiar incondicionalmente o eleito.

Luís Viana admite que realmente está receoso por não saber ainda o que Collor tem na cabeça. “Ninguém sabe se ele vai para a direita ou para a esquerda. Não estou predeterminedo a fazer oposição, mas farei conforme as coisas correrem”, diz o parlamentar. É uma atitude parecida com a do senador Jarbas Passarinho. “O Collor vai ter que provar que existe identidade entre o seu discurso e a realidade. Não pretendo fazer uma oposição raivosa, mas terei uma atuação ativa. Todos sabem que não votei no Collor por escolha, mas por opção”, diz o líder do PDS. Mais preocupado que Jarbas Passarinho, o senador Maurício Corrêa (PDT-DF) apresenta à Executiva Nacional do seu partido, em reunião no próximo dia 15, uma proposta para o partido de Brizola rever sua posição intransigente contra o parlamentarismo. “Acelerando-se o processo de descrença no novo governo, defendo o parlamentarismo como uma solução”, diz Corrêa, que foi um dos políticos que mais se bateu pelo presidencialismo durante os trabalhos da Assembléia Constituinte.

**Expectativa** — Ao largo dessa discussão sobre o parlamentarismo, desde a proclamação dos resultados da eleição, uma frase tem sido ouvida com frequência entre os senadores que votaram em Collor: “Em princípio vou apoiá-lo, mas vamos ver”. O senador Marcondes Gadelha, por exemplo, avisa que seu alinhamento ao novo governo não é automático. “Está faltando consistência e eu ainda preciso ver o que há nesse pacote”, diz ele.

11 JAN 1990